

► helicóptero? Gulfways? O helicóptero tinha sequer escrito Gulfways na fuselagem?”

No livro seguinte, *Stella Maris*, a perspectiva é a de Alicia. A acção de um e do outro é separada por oito anos. E ela sugere que o irmão não sobreviveu a um acidente de Fórmula 2. Numa das muitas conversas que atravessa *O Passageiro* há um diálogo em que Bobby é confrontado com uma pergunta que o leva a outra: terá sobrevivido?

McCarthy nunca explicou a sua literatura nas poucas vezes em que aceitou dar entrevistas. O que fazer para escrever?, perguntavam-lhe? Ler, respondia. Pegar na caneta e ver o que sai, também dizia. Em 1981, quando pertenceu ao comité que lhe atribuiu a prestigiada bolsa MacArthur, o escritor Saul Bellow sublinhou na obra de McCarthy – então com sete livros publicados, entre eles uma peça de teatro – “o uso absolutamente avassalador da linguagem”, as “frases que lhe dão vida e que travam a morte”.

A observação do Nobel de 1976 continua válida e aplica-se, pelo menos ao primeiro volume deste díptico. Há momentos perturbantes. Como a descida ao mar junto a New Orleans e a descoberta de um avião naufragado. “As pessoas sentadas nas suas cadeiras, os cabelos a ondular. As bocas abertas, os olhos despojados de reflexões. (...) Nadou vagarosamente pela coxia fora, a bater as pernas, acima das cadeiras, as botijas de oxigénio a roçarem contra o teto. Os rostos dos mortos a escassos centímetros. Tudo o que podia boiar estava colado ao teto. Lápis, almofadas, copos de plástico para café. Folhas de papel com a tinta a derramar-se em borrões hieroglíficos. Uma claustrofobia cada vez mais opressiva. (...) O copiloto permanecia sentado na sua cadeira, preso com o cinto de segurança, mas o piloto boiava lá no alto, contra o teto, os braços e as pernas a penderem, dir-se-ia uma enorme marioneta.”

Eram sete passageiros e dois tripulantes. Faltava o oitavo passageiro e essa falta, o mistério da sua ausência, dá título ao livro e aproxima-o do que se poderia chamar de *thriller*. Muitos dos textos já escritos sobre o romance exploram esta ausência como se nela e no seu desenlace residisse a trama. Alguns tentam encontrar uma resposta, uma solução. Esmiúçam-se detalhes, potenciais pistas. Como quem procura a chave para outro mistério: o da intenção do autor ou então o do desfecho de um livro que lida sobretudo com a falta de sentido de um mundo frágil, mas apesar de tudo um livro que parece ter a ambição de lidar com todo o legado desse mundo.

O escritor espanhol Javier Marías, desaparecido em Setembro passado, dizia que muitas vezes não lia críticas porque elas revelavam demasiado sobre os livros. Aqui, só se procura uma ponta para seguir o caminho selvagem de Bobby Western ou a criação selvagem, livre, de McCarthy. Mas haverá uma ponta?

No caso deste díptico parece ser indiferente começar por um ou por outro. As conversas andam aparentemente avulsas, mas não. As personagens de Bobby e de Alicia Western vão-se densificando na realidade construída por McCarthy que desafia ela mesma a realidade ao deslocá-la dos eixos onde ela costuma alicerçar-se. Não estamos diante de um romance comum, de estrutura tradicional ou convencional. Nesta última grande compulsão – é a palavra que numa entrevista, há muitos anos escolheu para descrever a sua relação com a escrita – deixa o leitor sozinho, ainda mais sozinho do que nos seus livros anteriores. Esse sentido de desnorde por vezes é desesperante. Mas a vontade de seguir McCarthy neste capricho talvez derradeiro, fulgurante, confuso é maior e traz muitas compensações. A maior é a de perceber que o trabalho acerca das possibilidades da linguagem não tem fim e sobrevive à interrogação que atravessa o livro: quem é e onde está o passageiro que falta? Voltamos a outra ideia solta de McCarthy, das poucas que conseguimos dele acerca da literatura: “Quando se escreve sobre alguma coisa, acaba-se por dar cabo dela.” Não escrever sobre ela é nunca saber que tipo de fim essa coisa teria.

Por cá, esperamos por *Stella Maris*. Está quase.

O fatalismo tranquilo de Cormac McCarthy pelos olhos do seu tradutor Paulo Faria

McCarthy farta-se de falar de física e de matemática

nestes romances. Já não há aqui cowboys, cavalos.

A empreitada da tradução de *O Passageiro* e *Stella Maris*

não foi fácil. Por Isabel Coutinho

Quando Paulo Faria traduz segue o mesmo método. Pega na obra e traduz todo o texto, seguido. Nesse momento não faz revisões. Terminada a tradução, imprime o texto em bruto. Passa para a fase seguinte.

Pega no original - em inglês ou em francês - e na primeira versão da sua tradução. Lê frase a frase, em português e em inglês. Uma frase em inglês, uma frase em português: para ter a certeza que não escapa nada.

Durante essa leitura, linha a linha, faz as emendas em papel. Só depois emenda o ficheiro no computador. Volta a imprimir tudo de novo em português e lê de novo, desta vez só a tradução. Se lhe surgir alguma dúvida regressa ao original. “É nessa altura que passa a ser uma coisa que faz sentido em português, pois é aí que conseguimos evitar as rimas, evitar as repetições, evitar as coisas em que nos deixámos arrastar pela construção inglesa”, explica aquele que tem traduzido a obra de Cormac McCarthy para a Relógio d’Água (é também o vencedor do Grande Prémio de Tradução da Associação Portuguesa de Tradutores e da Sociedade Portuguesa de Autores pela tradução de *História em duas cidades*, de Charles Dickens, em 2015).

Mas quando tudo se encaixa no seu trabalho é quando recebe as provas do livro que traduziu. “Um livro paginado não é a mesma coisa que um documento Word. É um fenómeno estranho, que não sei explicar, mas o texto paginado – com o aspecto de um livro – ganha uma aparência e uma realidade que não possui se estiver ainda em texto corrido. Só aí é que normalmente consigo dizer a mim próprio que já está.”

As provas passam então para as mãos do revisor. Vão e voltam às mãos do tradutor por várias vezes.

Foi esse o método na tradução de *The Passenger* edo segundo volume *Stella Maris*. As traduções para português dos mais recentes livros de Cormac McCarthy, de cuja obra Paulo Faria é profundo conhecedor, estão a sair em simultâneo com o original. O primeiro livro foi lançado nos EUA a 25 de Outubro e saiu em Portugal, com o título *O Passageiro*, na mesma semana. *Stella Maris* será lançado a 6 de Dezembro nos EUA e a edição portuguesa está prevista para meados desse mês. O tradutor português e o alemão foram os primeiros a terem acesso às duas obras.

McCarthy, que em Julho fez 89 anos, trabalhava neste projecto há anos. Referia-se a ele como o romance de Nova Orleães. “É uma coisa muito antiga. Ele faz isso muito: trabalha e depois põe de parte. Há sempre vários livros que está a escrever ao mesmo tempo”, explica o tradutor. Faria chegou encontrar-se com o escritor no Novo México, nos Estados Unidos, e fez o relato desse encontro num artigo que publicou na *Revista Ler*, em Junho de 2011.

O único livro de McCarthy que tinha traduzido logo a seguir à sua publicação original foi *A Estrada*. A obra recebeu o Prémio Pulitzer para Ficção em 2007 e a

Relógio D’Água publicou-a nesse ano em que também foi escolhido pelo Clube do Livro de Oprah. “Todos os outros foram por mim traduzidos muito tempo depois da publicação do original”, conta. É o responsável pela tradução das doze obras de McCarthy disponíveis na editora de Francisco Vale.

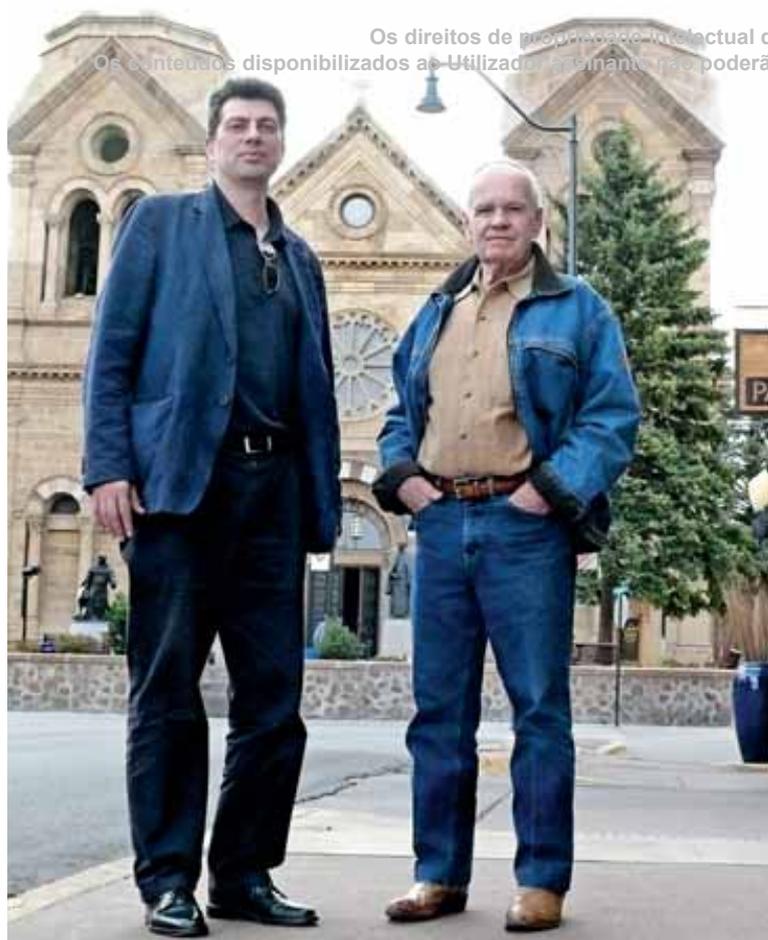
Fatalismo tranquilo

“Como tenho contactos com pessoas próximas de Cormac McCarthy, apercebi-me numa fase muito precoce que ele ia publicar ao fim destes anos todos. Mexi-me imediatamente, perguntei obviamente a Francisco Vale se ele estaria interessado. Começámos logo a fazer os contactos e recebi o livro ainda em documentos Word, o que não é uma coisa muito vulgar.” Vinham em bruto, foi ainda sujeito a alterações, o texto não estava ainda fixado. Mas Paulo Faria queria ter a certeza de que a tradução ia ficar pronta a tempo. Começou a traduzir em Março, a partir desse documento Word.

“*O Passageiro* é um livro enorme e densíssimo. Portanto, não tive hipótese. Obviamente que quando pego no trabalho, já li no dia anterior as páginas para os dias seguintes. Mas não consegui ler o romance todo antes de começar a traduzir. Nem este, nem o seguinte. Fiz as contas e sabia o tempo que ia demorar. Claro que assim é pior porque estamos a traduzir a página 300 e só aí percebemos coisas que aconteceram na página 100. Temos de ir atrás. Mas vamos, mexe-se e revê-se tudo no fim.” Foi complicado. “Houve várias coisas que foram sendo alteradas. Não eram importantes, eram pormenores. O próprio Cormac McCarthy estava a fazer a revisão ao mesmo tempo que eu estava a traduzir”.

Como já traduziu os dois volumes, tem uma visão de conjunto. Agrada-lhe o facto de os livros “prolongarem os grandes temas” de McCarthy, acrescentando-lhes “novas camadas e nova densidade”. Não é a primeira vez que o escritor pega em “temas como a dificuldade dos filhos em lidarem com a herança dos pais (e, em especial, do pai)”, lembra Paulo Faria. “Toda a sua obra é atravessada por esta dor – a incapacidade de nos reconciliarmos com o nosso pai. Isto está muito presente nestes dois livros, como em *Suttree* e em *Belos Cavalos*, por exemplo”. Em *O Passageiro* e em *Stella Maris* Paulo Faria viu o “fatalismo tranquilo” de Cormac McCarthy. “A ideia de que, em breve, a nossa amargura e as nossas histórias (as de Bobby, as de Alicia) serão engolidas pela lama primordial da Terra, da qual irão emergir novos padecentes. E uma espécie de curiosidade serena, sem avidez, perante os mistérios insondáveis do mundo e dos outros seres humanos.”

Considera geniais, por exemplo, o Puto Talidomida (uma das criaturas com quem Alicia conversa durante as suas alucinações) e os outros espectros que a visitam. Gosta do modo como, embora fatalista, McCarthy acaba sempre por salvar as personagens e santificá-las. “Há



PETER JOSYPH

O tradutor e o autor: os sonhos que Cormac McCarthy descreve, diz Paulo Faria, “continuam fabulosos: inverosímeis, literários, mas fabulosos”

sempre algo de crístico nos seus heróis e heroínas. Não é para qualquer um”, acrescenta. Os sonhos que descreve “continuam fabulosos: inverosímeis, literários, mas fabulosos. Há em *Stella Maris* um sonho inesquecível.”

“Romeu e Julieta incestuoso”

Ron Charles, crítico do *The Washington Post*, refere-se a *O Passageiro* como “um estranho passeio na escuridão” e termina o seu texto com um recado para os leitores: “Habituem-se!”, deixando no ar que há várias coisas que ficam por perceber.

“Não é *Stella Maris* que lhe vai trazer essas respostas. Aliás quando saírem os dois romances, o leitor pode ler pela ordem que quiser”, revela o tradutor. A divisão à partida já estaria feita? “Eu tenho uma teoria, nunca saberei se é verdade. Acho que aquilo que ele andou a escrever desde 1980 é *O Passageiro*. *Stella Maris* é qualquer coisa que ele escreveu agora. Parece-me evidente. Quem lê percebe isso.”

O Passageiro está “cheio de becos sem saída, coisas estranhíssimas. É um romance estranho. A começar pelo próprio passageiro do título”, continua, lembrando que os protagonistas são um irmão e uma irmã, Bobby e Alicia Western. Pode ser visto como “uma espécie de Romeu e Julieta incestuoso”. A história começa com o mergulhador de resgate Bobby Western a entrar dentro de um avião que se despenhou e caiu na água junto a Nova Orleães. “Mas faltam coisas no avião, há um passageiro em falta. Por isso é que o livro se chama *O Passageiro*. Nós começamos a ler e pensamos que é este o mistério que se vai resolver ao longo destas páginas. Mas não é.”

Há episódios inteiros que não cumprem nenhuma função narrativa. “São uma espécie de sonhos, são uma espécie de devaneios, ficamos sem perceber se acontecem realmente ou se são coisas que as personagens vão sonhando e vão imaginando. É uma coisa extremamente orgânica, estranhíssima, e não é *Stella Maris* – todo ele composto por diálogo – que vai dar respostas.”

Pequeno-almoço em Santa Fé

Em 2017, Cormac McCarthy escreveu um artigo na revista científica *Nautilus*, de Março/Abril, a que deu o título de *The Kekulé Problem - Where did language come from?*. August Kekulé era um químico alemão do século XIX. “Kekulé descobriu que a molécula do benzeno tem uma estrutura tridimensional de um anel de carbono e reza a lenda – e o próprio terá contado isto – que andou anos a matutar como é que seria a molécula de benzeno até que um dia adormeceu em frente à lareira e teve um sonho em que lhe apareceu uma serpente a morder a própria cauda. Quando acordou, Kekulé percebeu que era essa a forma da molécula de benzeno: um anel”, conta Faria. E por que é que isto está relacionado com estes dois romances? “A questão do inconsciente interessa muito a McCarthy: saber como é que o inconsciente comunica connosco.”

O escritor passa o seu tempo no Santa Fe Institute. “Uma instituição científica que acolhe vultos da ciência e organiza palestras, onde há pessoas que são cientistas residentes e estão lá a trabalhar, a pensar, a conversar uns com os outros. É um viveiro de inteligências”, explica Paulo Faria que visitou o instituto em 2011 com o seu amigo, o artista, fotógrafo e cineasta e ensaísta nova-iorquino Peter Josyph.

É ali que o autor de *Belos Cavalos* tem um gabinete onde escreve. “Os dias de Cormac McCarthy são passados a falar com físicos e matemáticos e é isso que lhe interessa. Farta-se de falar de física e de matemática nestes dois romances. Já não há aqui o universo dos cowboys, dos cavalos. Não, é o universo da física e da matemática. E mais precisamente esta questão: como é que a linguagem nasceu? Qual é a função que a linguagem desempenha no ser humano e como é que o inconsciente comunica connosco?”

No artigo da *Nautilus*, McCarthy defende “a ideia de que a linguagem é uma ideia recente – tem 100 mil anos ou 150 mil anos, ao passo que o inconsciente tem dois milhões de anos – e que o inconsciente não usa a linguagem porque não a sabe usar ou não a quer usar.” Ou seja, “a ideia de que as ideias são independentes da linguagem de certa maneira. A ideia de que a linguagem é quase uma invasão parasitária. É esta a comparação que ele usa. E há muitos trechos desse artigo que surgem sem grandes alterações nestes dois romances. Quem ler o artigo e ler os romances ou vice-versa vai perceber isso. Portanto, é isto que lhe interessa neste momento. São as questões relacionadas com física quântica, a história da física, a vida dos grandes cientistas e como é que pensam os génios.”

Em *O Passageiro* há um trecho longuíssimo sobre “física quântica pura e dura”, uma das partes mais difíceis de traduzir e para a qual Faria precisou de ajuda de Hélio Pinto, um professor de física. “É quase um ensaio científico, não há nada de romanesco”. O tradutor também precisou de ajuda noutra trecho, “nada fácil”, que se passa numa plataforma petrolífera em alto mar. Recorreu a um inglês que trabalhou em plataformas petrolíferas e que o ajudou.

A ligação entre o tradutor e o autor de *Este País Não É para Velhos*, que é avesso a dar entrevistas, começou por correspondência há alguns anos. À medida que ia fazendo as traduções, Paulo começou a escrever-lhe cartas. “A determinada altura, ele começa a responder-me e percebo que me vai responder nas próprias cartas. Ele escrevia nos intervalos, por isso comecei a deixar espaços”, conta. Revela que McCarthy desenha muitíssimo bem. “Nunca completou nenhuma licenciatura, mas estudou engenharia e desenho de engenharia. Tem aqueles desenhos extraordinários

feitos a lápis, escreve quase sempre a lápis. Desenhou-me armas do *Meridiano de Sangue*, por exemplo.”

Quando o tradutor escreveu ao escritor a dizer que iria visitá-lo nesse ano de 2011, McCarthy não lhe confirmou que lá estaria. Disse-lhe: “Aparece, logo se vê.” Dennis McCarthy, irmão do autor e amigo de Peter Josyph, tinha-lhes dado um telefone para onde os dois podiam telefonar quando chegassem a Santa Fé mas a seguir teriam de o destruir e esquecer para sempre.

Na manhã seguinte à noite em que lá chegaram Peter telefonou ao escritor e ele não atendeu. Deixaram recado e passaram o dia a deambular. Mas nessa noite, Cormac McCarthy telefonou e marcou um pequeno-almoço para o dia seguinte. “Foi um quase almoço, a conversar sobre física, sobre físicos como Einstein, Heisenberg, etc, e também sobre a bomba atómica. Em *O Passageiro* ficciona um dos físicos do projecto Manhattan, o pai dos irmãos Bobby e Alicia que terá conhecido a mulher numa fábrica de enriquecimento de urânio que existiu em Oak Ridge, a fábrica Y-12.”

Desta vez, Paulo Faria não tentou corresponder-se com o escritor para tirar dúvidas. “Fui conseguindo perceber algumas coisas por portas travessas. Alguém pergunta ao Dennis, que depois pergunta ao Cormac. Há coisas que tiveram o seu momento, a sua altura”. As últimas cartas que lhe enviou já não tiveram resposta.

“Não sei se se vou fazer uma inconfidência”... Durante o processo de tradução Paulo Faria foi recebendo vários documentos da editora norte-americana. Entre eles, as provas iniciais revistas. No documento, a revisora norte-americana fazia alguns reparos manuscritos à margem e McCarthy respondia às dúvidas. Muito ficou logo esclarecido aí. Como Cormac McCarthy não assinala os diálogos com travessões, a certa altura pode não ser muito claro quem está a dizer o quê. O tradutor muitas vezes necessita de voltar atrás e escrever nas margens as letras: B, A; B, A;... para perceber se não houve ali um lapso no diálogo em que a mesma personagem fala duas vezes seguidas. “Ora a revisora americana fez exactamente este exercício num diálogo em que eu também tive uma dúvida: parece-me que faltava uma fala. Ela pergunta na margem: ‘Será que não falta aqui uma fala?’ E Cormac McCarthy responde-lhe também na margem: ‘Who cares?’ Eu quero lá saber. Amanhem-se”. Como se aos 89 anos, o escritor nos esteja a dizer “não me chateiem com minudências, há outras coisas mais importantes: perceber de onde é que vem a linguagem, como é que funciona o inconsciente. Agora quem é que diz o quê, aqui nesta página? Deixa estar.”

“O artista no fim da vida já não tem de fazer concessões. Ele interessa-se pelo assassinio de John Fitzgerald Kennedy. É um tema que o apaixona claramente. Portanto tem uma personagem a explicar as teorias todas que ele próprio, Cormac McCarthy, andou a investigar. Como eu também andei a uma certa altura da minha vida. Quando traduzi *Libra*, de Don DeLillo, também me interessei pelo assunto. Não tendo qualquer função narrativa no romance, poderá ter a função de pensarmos sobre a natureza das coisas e da realidade. Mas são 20 páginas a falar sobre balística. Não é uma reflexão filosófica. Por isso *O Passageiro* é um romance estranhíssimo, desconcertante, uma coisa um bocadinho pantagruélica.”

“Se calhar ser um grande escritor é isto, não fazer concessões, é estar-se nas tintas. Se gostam, gostam. Se não gostam, não gostam. É um dos romances mais difíceis dele. De facto, é.”, conclui Paulo Faria.

Em *O Passageiro* e *Stella Maris*, Paulo Faria viu “a ideia de que a nossa amargura e histórias serão engolidas pela lama primordial da Terra”